



Expressões de violência verbal e reflexividade face ao modelamento sociocognitivo e discursivo da pandemia de Covid-19

Verbal violence and reflexivity in the context of Covid-19 pandemic

AUTORES

Anna Christina Bentes

✉ anna.bentes@gmail.com 

Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Livre-Docente no Departamento de Linguística/IEL/UNICAMP

Edwiges Morato

✉ edwiges.morato@gmail.com 

Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Livre-Docente no Departamento de Linguística/IEL/UNICAMP

COMO CITAR

BENTES, Anna Christina; MORATO, Edwiges. 2021. Expressões de violência verbal e reflexividade face ao modelamento da pandemia de Covid-19. *Calidoscópico*, São Leopoldo, 19(1): 18-31. DOI: <https://doi.org/10.4013/cld.2021.191.02>

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão: 28/10/2020

Aprovação: 08/02/2021

DISTRIBUÍDO SOB



RESUMO / ABSTRACT

Neste artigo, articulamos a análise de dois fenômenos observados em um conjunto de falas públicas produzidas pelo Presidente da República Jair Bolsonaro (JB) em diferentes contextos ao longo do ano de 2020: (i) o exercício reiterado da violência verbal, atribuída a JB, relativamente à pandemia de Covid-19; (ii) a construção de um modelamento sociocognitivo e discursivo para esse evento.

Analisamos também práticas linguísticas reflexivas e críticas de diversos agentes sociais em relação à categorização do uso de máscara de proteção facial como “coisa de viado”. A metodologia de análise é de natureza qualitativa, envolvendo pressupostos teórico-metodológicos dos estudos

In this article, we articulate the analysis of two aspects based on the observation of a set of public speeches produced by the President of the Republic of Brazil Jair Bolsonaro in different contexts throughout 2020: (i) the reiterated exercise of verbal violence in the context of the pandemic of Covid-19; (ii) the construction of a socio-cognitive and discursive modeling for this event. We also

analyzed reflexive and critical linguistic practices performed by different social agents in relation to the categorization strategy of use of facial protection mask as a “fagot thing”. The methodology is qualitative, involving theoretical and methodological assumptions of the studies of text,

da cognição social e dos estudos do texto e do discurso. As análises revelaram que o modelamento sociocognitivo e discursivo no país da pandemia da Covid-19 por JB construído configurou o novo - em termos de práticas e cenários - em algo já conhecido, dominado, superado; esse modelamento, junto com a oficialização e a legitimação da violência verbal em relação a diversos agentes sociais,

auxiliou na normalização dos efeitos letais da pandemia. A reflexividade linguística operada por setores da sociedade brasileira possibilitou novos modelamentos de certas práticas sociais relacionadas ao enfrentamento da Covid-19 produzindo crítica e realinhamento sociais em larga escala.

discourse and social cognition. The analyzes revealed that the sociocognitive and discursive modeling of the Covid-19 pandemic produced by the current President of the Republic reconfigured what is new in something already known, dominated.

The modeling together with processes of officialization and legitimation of verbal violence in relation to different social agents helped to normalize the lethal effects of the pandemic. The linguistic reflexivity operated by some Brazilian society groups enabled new models for some aspects of social practices related to the Covid-19 pandemic that came to be responsible for large-scale social criticism and realignment effects.

Palavras-chave:

Pandemia de Covid-19; Violência verbal; Reflexividade

Keywords:

Covid-19 pandemic; Verbal violence; Linguistic reflexivity

1. As falas públicas de Jair Bolsonaro sobre a pandemia de Covid-19

Gripezinha. Fantasia. Esse vírus aí. A pandemia de Covid-19 no Brasil, que se estende de março de 2020 aos dias atuais, foi e é apresentada à população pelo político sem partido que ocupa a Presidência da República do Brasil, Jair Bolsonaro (JB), por meio de discursos e *performances* que buscam minimizar sua gravidade. Tanto o chefe de Estado quanto os ministros da República mantiveram, ao longo de todo o ano de 2020, posicionamentos de negação da gravidade da Covid-19, o que prejudicou e continua a prejudicar o enfrentamento da crise sanitária que atingiu não apenas o Brasil, mas todo o planeta.

Com efeito, a associação do período pandêmico com o ultraliberal Governo Bolsonaro constitui um capítulo particular da história brasileira. A nosso ver, a análise de um conjunto de práticas discursivas performatizadas por Jair Bolsonaro ao longo de 2020 pode ganhar relevo sócio-antropológico e fornecer contornos explicativos para esse momento complexo da pandemia de Covid-19.

Em seu primeiro^[1] pronunciamento oficial, em 06 de março de 2020, JB afirmou: “seguir rigorosamente as orientações dos especialistas é a melhor medida de prevenção”. Em seu segundo^[2] pronunciamento, no dia 12 de março de 2020, o Presidente da República afirmou que havia recomendação das autoridades sanitárias para que as pessoas evitassem grandes concentrações populares. Apesar de nesses primeiros pronunciamentos oficiais JB ter considerado a pandemia dentro dos marcos discursivos preconizados pela Organização Mundial de Saúde (OMS), a partir de seu terceiro^[3] pronunciamento oficial, em 24 de março, a perspectiva é profundamente alterada.

Esse terceiro pronunciamento é um marco porque parece dar início a uma “guerra institucional”^[4] às me-

didias sanitárias prescritas pela OMS, tais como o uso de máscaras faciais, a incorporação de posturas de distanciamento social, a eventual necessidade de *lock-down* por algum período de tempo, com o fechamento de escolas, do comércio etc. Setores da sociedade brasileira reagiram^[5] de forma crítica a esse terceiro pronunciamento, dado que parte de seus conteúdos já apontavam para uma gestão não baseada nas medidas sanitárias preconizadas. Afirmarções como “raros são os casos fatais de pessoas sãs, com menos de 40 anos de idade. 90% de nós não teremos qualquer manifestação caso se contamine”, feitas no pronunciamento de JB ao país em 24 de março de 2020, exemplificam as lentes por meio das quais o Governo Federal deu a conhecer à população a pandemia de Covid-19.

Mesmo com a decretação no dia 20 de março de 2020 de “estado de calamidade pública”, Jair Bolsonaro ignorou, nos pronunciamentos oficiais, as razões pelas quais a OMS anunciara em 11 de março a existência da pandemia de Covid-19.

Naquele momento, a postura do governo brasileiro chocou as organizações e as autoridades científicas, políticas e sanitárias do mundo todo não apenas pelo imobilismo demonstrado ao longo do aprofundamento da pandemia de Covid-19, mas também pelas manifestações de natureza pouco ou nada científicas^[6], conspiratórias^[7] e desrespeitosas^[8] dirigidas tanto às instituições nacionais e estrangeiras voltadas à contenção da pandemia, quanto às vítimas da Covid-19.

Em 7 de julho de 2020 tornou-se pública a atribuição de uso da expressão “coisa de viado” a JB para se referir ao uso de máscaras faciais como medida de proteção ao contágio da Covid-19. Segundo fontes de um jornal paulista de grande circulação^[9], produzia frequentemente essa expressão para categorizar o uso e os usuários de máscaras faciais a visitantes e funcionários do Palácio do Planalto.

É justamente a partir do segundo semestre de 2020, com a pressão de setores do mercado interno para que

[1] PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. GOV.BR. 2020. Em pronunciamento na TV, Bolsonaro diz que não há motivo para pânico sobre o coronavírus. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2020/03/em-pronunciamento-na-tv-bolsonaro-diz-que-nao-ha-motivo-para-panico-sobre-o-coronavirus> Acesso em: 10/12/2020.

[2] O link para o segundo pronunciamento foi retirado da página oficial do Palácio do Planalto. Esse pronunciamento somente pode ser consultado em páginas de veículos de comunicação tal como a que segue: R7 – BRASIL. 2020. Bolsonaro diz que manifestações de domingo ‘precisam ser repensadas’. Disponível em: <https://noticias.r7.com/brasil/bolsonaro-diz-que-manifestacoes-de-domingo-precisam-ser-repensadas-12032020>. Acesso em: 10/12/2020.

[3] UOL NOTÍCIAS. 2020. Leia o pronunciamento do Presidente Jair Bolsonaro na íntegra. <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/leia-o-pronunciamento-do-presidente-jair-bolsonaro-na-integra.htm> Acesso em: 10/12/2020.

[4] Uma pesquisa coordenada por professores da Universidade de São Paulo e pela Conectas Direitos Humanos resultou em um boletim que revela a existência de uma estratégia institucional de propagação do vírus, promovida pelo Governo brasileiro sob a liderança da Presidência da República. ASANO, C.L.; VENTURA, D. et al. 2021. Boletim Direitos na pandemia: Mapeamento e Análise das Normas Jurídicas de Resposta à Covid-19 no Brasil. Disponível em: https://www.conectas.org/wp/wp-content/uploads/2021/01/Boletim_Direitos-na-Pandemia_ed_10.pdf. Acesso em: 06/02/2021.

[5] UOL NOTÍCIAS. 2020. Bolsonaro é alvo de panelaço durante pronunciamento sobre coronavírus. <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/bolsonaro-e-alvo-de-panelaco-durante-pronunciamento-sobre-o-coronavirus.htm>. Acesso em: 10/12/2021.

[6] “O vírus chegou, está sendo enfrentado por nós e brevemente passará.” UOL NOTÍCIAS. 2020. Gripezinha: leia a íntegra do pronunciamento de Bolsonaro sobre covid-19. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/leia-o-pronunciamento-do-presidente-jair-bolsonaro-na-integra.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 10/12/2020.

[7] SCHELP, D. 2021. Cúpula Bolsonarista faz 30% dos tuites que promovem teoria conspiratória. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/diogo-schelp/2021/02/04/cupula-bolsonarista-faz-30-dos-tuites-que-promovem-teoria-conspiratoria.htm> Acesso em: 06/02/2021.

[8] Um exemplo do desrespeito em relação às vítimas da doença foi o estímulo dado a seus apoiadores para que invadissem centros de terapia intensiva com o objetivo de aferirem a existência de pacientes com Covid-19. UOL COTIDIANO. 2020. Bolsonaro estimula população a invadir hospitais para filmar ofertas de leito. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/06/bolsonaro-estimula-populacao-a-invadir-hospitais-para-filmar-oferta-de-leitos.shtml> Acesso em: 06/02/2021.

[9] BERGAMO, M. 2020. Máscara é ‘coisa de viado’, dizia Bolsonaro na frente de visitas. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/07/mascara-e-coisa-de-v-dizia-bolsonaro-na-frente-de-visitas.shtml> Acesso em: 10/12/2020

houvesse flexibilização do distanciamento social e das medidas restritivas às aglomerações que a campanha contra a medida ganha força nas falas públicas de JB, que passa a criticar ainda mais os que procuram seguir a recomendação dos órgãos de Saúde e as medidas preconizadas pela Ciência, afirmando em evento oficial no norte do Mato Grosso, em 18 de setembro de 2020, que ficar em casa na pandemia de Covid-19 é “conversinha mole”. Para o Presidente, que falava para uma plateia de produtores rurais e apoiadores de seu governo, não dar continuidade ao trabalho presencial é “para os fracos”. Concretamente, o conjunto das ações institucionais no nível federal resultou na classificação^[10] do Brasil, em janeiro de 2021, de pior país do mundo no manejo da pandemia.

A violência simbólica^[11] presente em muitas das ações do poder executivo federal ao tratar das questões derivadas ou agudizadas pela pandemia relaciona-se de maneira fundamental com a exclusão do pensamento científico como norte das ações governamentais, com a negligência do papel do Estado no desenvolvimento e na preservação da saúde e do bem-estar da população, com o enfraquecimento de políticas públicas e de iniciativas coletivas já existentes de apoio, de cooperação e de solidariedade. A atmosfera distópica vivida pelo Brasil ao longo do ano de 2020, período em que o país crava quase 200 mil mortes por Covid-19 oficialmente notificadas, enfeixa os muitos fatores a serem invocados para a compreensão desse período no país.

Perpetradas por agentes públicos, como o próprio presidente da República, diferentes formas de violência têm se manifestado muito especialmente na linguagem utilizada para se referir a temas e atores sociais envolvidos direta ou indiretamente na contenção e controle da pandemia: autoridades ligadas a OMS, cientistas brasileiros ou estrangeiros, pacientes e seus familiares, trabalhadores em modo remoto, cidadãos dispostos a seguir as medidas de segurança contra o contágio, próprio e alheio. Entre os exemplos de violência verbal^[12] exibidos em falas de JB para confrontar parâmetros científicos e humanitários das políticas mundialmente adotadas para a contenção da Covid-19, mencionamos a associação direta entre o uso de máscaras a características atribuídas a certo grupo social: “usar máscara é coisa de viado”.

Neste artigo, temos como escopo de nossa reflexão dois fenômenos observados em um conjunto de falas

públicas produzidas pelo Presidente da República em diferentes contextos ao longo do ano de 2020: (i) o exercício reiterado da violência verbal no contexto da pandemia de Covid-19; (ii) o modelamento sociocognitivo e discursivo do evento “pandemia de Covid-19. Em seguida, analisamos também práticas linguísticas reflexivas e críticas de diversos agentes sociais em relação à categorização do uso de máscara de proteção facial como “coisa de viado”, o que aponta para as lutas simbólicas envolvidas na (re) categorização desse referente.

Para tanto, contextualizamos o discurso público de JB como uma prática comunicativa violenta que, muitas vezes, constitui-se como ou reforça o discurso de ódio, a ser apresentado conceitualmente na próxima seção. Em seguida, desenvolvemos algumas análises da construção de um enquadramento sociocognitivo e discursivo do evento “pandemia da covid-19” e analisamos a recepção social de apenas um dos elementos de seu modelamento, a saber, a categorização dos atos dos indivíduos que defendem e que usam a máscara de proteção facial contra a Covid-19 como “coisa de viado”. O conjunto de textos aqui analisados - pronunciamentos oficiais, e declarações públicas em eventos variados - podem ser acessados pelos links informados nas notas ao longo deste artigo.

Se concebemos a produção textual como um instrumento, um produto e um modo de ação social, consideramos que a produção textual-discursiva^[13] de JB sobre o evento “pandemia da Covid-19” se destaca em função da oficialidade e da legitimidade (Hanks, 2008) que essa produção adquire a partir do momento que é performatizada por esse ator específico. Em outras palavras, pessoas, grupos, objetos e até mesmo outros eventos - todos os elementos envolvidos no evento “pandemia da Covid-19” - integram e constituem as posições e relações sociais oficiais e legítimas que irão defini-los em certos termos, como procuraremos demonstrar.

Em relação ao primeiro tipo de análise a ser desenvolvida, nossa principal hipótese é a de que o modelamento sociocognitivo e discursivo da pandemia observado nas falas públicas do presidente da República foi fundamental para sustentar as estratégias de enfrentamento da pandemia de Covid-19 por parte do governo federal ao longo de todo o ano de 2020.

Em relação ao segundo ponto, nossa principal hipó-

[10] CALIXTO, L. 2021. Brasil é o pior país do mundo na gestão da pandemia. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/saude/brasil-e-o-pior-pais-do-mundo-na-gestao-da-pandemia-aponta-pesquisa/>. Acesso em: 06/02/2021

[11] Curto, Domingos e Jerónimo (2011), na apresentação que fazem da obra *O Poder Simbólico*, de Pierre Bourdieu, afirmam que as formas simbólicas “não são autônomas em relação ao regime de práticas no interior das quais emergem e ganham sentido. Como a lógica das práticas traduz condições objectivas desiguais, os sistemas simbólicos produzem e reproduzem, ao construir o mundo, formas de dominação” (p. 38).

[12] Parintins-Lima e Morato (2020), considerando o conceito de violência verbal, afirmam que esse é “um conceito de importância ético-política para o entendimento das relações humanas, assim como o de cooperação e o de comunicação. Por vezes menos evidente do que a violência física e construída na interação social, essa forma de violência - que atinge sobremaneira comunidades tidas como “minoritárias” ou socialmente vulneráveis - não pode ser entendida como um dano menor fadado ao “esquecimento” e à indulgência” (p. 1666).

[13] Em consonância com perspectivas de base sociointeracionista e sociocognitiva, assumimos a concepção de discurso formulada por Garay, Iñiguez e Martínez (2005, p. 110-111): “um conjunto de práticas linguísticas que mantém e promovem certas relações sociais”. O interesse desse grupo de pesquisadores é o de investigar como os próprios atores sociais elaboram suas interações sociais e verbais a partir de perspectivas variáveis e diversas do mundo social, considerando que a “orientação do discurso para funções específicas é uma indicação de seu caráter construtivo” (p. 111). O grupo também dialoga com autores que consideram centralmente três premissas: a do interesse sobre como as pessoas constroem a realidade social; a da consideração da linguagem não como uma descrição da realidade, mas como uma construção dessa realidade; e a da compreensão da linguagem como uma prática social (p. 112).

tese é a de que a emergência de uma reação linguisticamente reflexiva^[14] de participantes de redes sociais à categorização utilizada por JB ao se referir às práticas de prevenção ao Covid-19 constitui um conjunto de atos de resistência, de subversão e de afirmação de identidades solidárias ao grupo social agredido com impacto de larga escala na opinião pública. Isso revela que há entre nós espaço para a construção de um debate político em torno das questões identitárias e sociais não marcado pela violência verbal (mesmo que sub-reptícia) ou pelo discurso de ódio.

Com base na análise de alguns exemplos de postagens em diferentes mídias digitais, somos levados a pensar que práticas discursivas empenhadas na resignificação de estereótipos e de preconceitos precisam ser acompanhadas de práticas sociais que apontem mudanças substantivas nas formas de interação interpessoal e da vida em sociedade, o que pode ser visto como “um poder simbólico de mobilização e de subversão” (Bourdieu, 1977, p. 12).

2. Violência verbal e discurso de ódio na fala de Bolsonaro durante a pandemia de Covid-19

A dialética do conceito de violência simbólica proposto por Bourdieu (1977) permite que consideremos a violência verbal como a face mais explícita da violência simbólica, já que não há como não reconhecê-la.

Em função dessa exacerbação e explicitação da violência simbólica, concordamos com Parintins-Lima e Morato (2020) que, em artigo sobre a expressão do racismo na mídia nacional, observam que a reação à violência verbal tem se constituído de respostas variadas, construídas por diferentes atores, atitudes e circunstâncias. Segundo os autores:

Com o desenvolvimento de práticas reflexivas em torno dos mecanismos de funcionamento e impactos da violência, seja no campo científico, seja do campo das reivindicações políticas, diferentes formas de violência verbal têm sido cada vez mais socialmente inadmissíveis ou mal toleradas, passando mesmo a serem consideradas

crimes, submetidas aos rigores da lei, como as associadas ao racismo, à pedofilia e à homofobia, bem como as que se configuram como preconceito de gênero e de classe. (Parintins-Lima e Morato, 2020, p. 1640)

Apesar desse contexto social de maior responsabilização dos indivíduos ou grupos sociais em relação à violência verbal^[15], a chegada da pandemia de Covid-19 ao Brasil parece ter aberto uma “janela de oportunidades” para o exercício estratégico da violência verbal por parte de JB, que buscou e busca, a todo custo, minimizar a gravidade da pandemia de Covid-19 no Brasil e desqualificar todos aqueles que buscam ter e/ou divulgar uma conduta baseada na racionalidade científica sobre ela.

Vejamos. No ano de 2020, as falas de JB foram responsáveis pelo aumento da violência verbal contra jornalistas. Ele protagonizou, segundo relatório da Federação Nacional de Jornalistas (FENAJ), 175 casos de agressão verbal a jornalistas, buscando retirar a credibilidade da imprensa como fonte e veículo de comunicação informativa. Ainda segundo o relatório, a cobertura da pandemia de Covid-19 foi pretexto para dezenas de ataques por parte de Bolsonaro à imprensa. Segundo Maria José Braga, presidente da Federação, “houve crescimento em quase todos os tipos de violência”. O aumento foi bastante expressivo nas categorias de censura (+750%) e nas agressões verbais/ataques virtuais (+280%)^[16]. Um exemplo de agressão verbal na categoria “censura” foi a resposta do presidente a um jornalista que lhe perguntava, em 20 de abril de 2020, sobre o crescente número de mortes por Covid-19 no país:

Presidente, hoje tivemos mais de 300 mortes. Quantas mortes o senhor acha que...”, perguntava um jornalista quando Bolsonaro o interrompeu. “Ô, cara, quem fala de... Eu não sou coveiro, tá certo?”, declarou o presidente. O repórter, então, tentou fazer novamente a pergunta. “Não sou coveiro, tá?”, repetiu o presidente da República.^[17]

JB, cumpre notar, além de incitação de desrespeito e ódio a grupos minoritários (como quilombolas e indígenas), coleciona exemplos de violência verbal contra mulheres, população LGBT e negros, tendo sido por vezes condenado

[14] Adams (2006) afirma que o desenvolvimento dos estudos sobre reflexividade revela que ela apresenta um caráter muito mais complexo, ambíguo e contraditório do que as visadas ingênuas podem fazer crer. Para o autor, a reflexividade não se reduz a algum tipo de “meta-reflexão internalizada” nem a um “potencial liberador contra um contexto do desmonte de estruturas sociais” (Adams, 2006, p. 521). Sendo assim, a reflexividade performatizada pelos indivíduos em dada sociedade não seria necessariamente transformadora, seja social, seja individualmente, e pode importar pouco se for separada de sua imediata incorporação a um específico e diferenciado contexto de uso de determinados recursos sociais. Ele ainda afirma que em um contexto de crescimento da polarização e de mobilidade social descendente para amplos setores sociais, a reflexividade comporia uma nítida “falta de agência”, dado que os indivíduos são retirados de qualquer ordem social significativa e distribuídos no interior de campos sociais múltiplos e fraturados, que não oferecem saídas” (Adams, 2006, p. 524-525). Para uma discussão sobre um tema correlato ao desse artigo, ver Koike e Bentes (2018).

[15] Sobre esse conceito, ver um recente dossiê da “Revista de estudos da linguagem” organizado por Seara (2020) em torno do tema “Violência verbal em discursos políticos e midiáticos”. Nesse número, Parintins-Lima e Morato (2020, p. 4) afirmam: “No campo científico, os estudos sobre violência verbal abordam com frequência as experiências sociais públicas e institucionais potencialmente geradoras de violência, tais como conflitos conversacionais (descortesia, mal entendido, sarcasmo etc.), discursos de ódio nas redes sociais, debates políticos e midiáticos, conflitos construídos no âmbito de serviços prestados à população (como, por exemplo, delegacia de polícia, atendimento hospitalar, PROCON – instituição brasileira de proteção e de defesa do consumidor), nas salas de aula, em sessões parlamentares ou judiciais, nos serviços de imigração, em manifestações sociais (como greves e outros atos públicos, por exemplo). Estudos como esses procuram destacar a importância da linguagem na circulação e na percepção da violência”.

[16] ADORNO, L. 2020. 2020 vira ano mais violento a jornalistas com Bolsonaro liderando agressões. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2021/01/26/com-bolsonaro-como-principal-agressor-2020-foi-mais-violento-a-jornalistas.htm>. Acesso em: 06/02/2021.

[17] TERRA. CORONAVÍRUS. 2020. BEHNKE, E. Bolsonaro sobre mortos por covid-19: ‘Não sou coveiro, tá?’ Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/coronavirus/bolsonaro-sobre-mortos-por-covid-19-nao-sou-coveiro-ta-7bddb2262ea30375db094738bb84dc8ckbk06paj.html>. Acesso em: 06/02/2021.

judicialmente em função de suas manifestações verbais^[18]. À maneira de outras formas de violência, a que se materializa na linguagem e atinge sobretudo comunidades minoritárias ou socialmente vulneráveis aponta para aspectos sociopolíticos constitutivos das relações humanas e da esfera pública das sociedades modernas, como os que envolvem lutas por direitos, enfrentamento das desigualdades sociais, representação e participação social etc.

No campo dos estudos dedicados às interações sociais tem crescido o interesse pelas variadas formas de percepção e de reação social envolvendo a violência verbal, esta última considerada como “uma estratégia política fundamental das sociedades pós-modernas” (Morato; Bentes, 2017, p. 14). Uma boa parte da contenção e do enfrentamento da violência social, da qual a verbal é parte constitutiva, deve-se ao desenvolvimento de práticas reflexivas em torno de seus mecanismos de funcionamento e seus impactos de várias ordens.

Se considerarmos que um dos possíveis efeitos da violência verbal é o fenômeno do *discurso de ódio*, veremos que este se apresenta, na maioria das vezes e especialmente na esfera digital, como uma reconfiguração de discursos racistas, misóginos, machistas, sexistas^[19], homofóbicos, transfóbicos etc. Nesse sentido, um dos aspectos mais importantes da análise da violência verbal é a compreensão das circunstâncias sociopolíticas, interacionais e discursivas que permitem aos atores sociais responsáveis pela produção dos discursos de ódio reivindicarem a liberdade de fazê-lo. Tal disposição transforma os discursos de ódio e a violência verbal que os constitui como um problema político, como afirma Titley (2014). Em um estudo produzido para o Conselho da Europa, o autor afirma que o conceito de discurso de ódio, apesar de difícil definição, emerge, na primeira década dos anos 2000, com força e com larga aceitação no interior do *mainstream* político europeu. Se, por um lado, é possível entender que o discurso de ódio é marcado por uma carga de preconceitos em relação a uma pessoa ou grupo por conta

“Uma boa parte da contenção e do enfrentamento da violência social, da qual a verbal é parte constitutiva, deve-se ao desenvolvimento de práticas reflexivas em torno de seus mecanismos de funcionamento e seus impactos de várias ordens”

de algumas de características inatas (reais ou percebidas), e tem por objetivo injuriar, desumanizar, assediar, intimidar, degradar e vitimizar seus alvos (sejam eles pessoas ou grupos), além de fomentar insensibilidade e brutalidade contra eles (Cohen-Almagor, 2011), por outro lado, ele não deixa de ser considerado uma noção muito complexa, a ser necessariamente observada (i) em relação a direitos que competem entre si de diferentes formas e em diferentes tradições e jurisdições legais, (ii) na dependência das diferentes formas de compreender/analisar os discursos e suas consequências potenciais, (iii) no seu enquadramento por meio de avaliações conflitantes e variáveis sobre o que pode ser considerado “ódio”, (iv) na consideração das identidades e dos pontos de vista de quem produz discursos de ódio, (v) como uma estratégia política que toma várias formas, muitas delas contraditórias entre si (Tiltley, 2014, p. 9).

Em função disso, Titley (2014) propõe que o discurso de ódio seja analisado como uma estratégia política a ser combatida, em primeiro lugar, por meio da elaboração de uma “anatomia do discurso de ódio”, que buscava compreender os tipos de discurso, seus alvos e consequências e, em segundo lugar, por meio do combate a esse discurso nos mesmos termos em que ele se dá: por meio da atribuição de qualidades e de processos de estereotipificação.

Considerando que a Internet e todas as formas de comunicação digital alargaram as possibilidades de emergência do discurso de ódio, do racismo, de assédios fanáticos e de recrutamentos e consolidação de bases políticas, que têm sido concebidos como *cyberhate* (Tiltley, 2014), pretendemos, a partir da próxima seção, contribuir para a compreensão de como o modelamento sociocognitivo e discursivo produzido por JB sobre a Covid-19 mobiliza sub-repticiamente esse discurso que, ao ser percebido publicamente, encontra resistência por parte de setores diversificados da sociedade.

3. O modelamento sociocognitivo e discursivo da pandemia de Covid-19

Desde a chamada gripe espanhola, em 1918, que matou cerca de 75 milhões de pessoas, não tivemos um evento pandêmico que tenha paralisado o mundo e se constituído, como afirmou o Secretário Geral da ONU, António Guterres, no maior desafio desde a Segunda Guerra Mundial, tanto pela ameaça às vidas, como pelas consequências para a economia mundial^[20]. Até janeiro de 2021, o número total de infectados chegou a 100 milhões e o número de mortes chegou a mais de 2 milhões cento e cinquenta mil.

Sendo assim, pelo que significa em termos socio-

[18] EL PAÍS. 2018. O que Bolsonaro já disse de fato sobre mulheres, negros e gays. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/06/politica/1538859277_033603.html. Acesso em: 06/02/2021.

[19] De acordo com pesquisadores como Lilian (2007), há uma certa relutância em enquadrar discursos sexistas como discurso de ódio fundamentalmente porque não é possível postular a eliminação da categoria “mulher” (tal como foi defendido em relação a judeus, por exemplo), dado que as sociedades são primariamente organizadas e reproduzidas por meio de relações de casais heterossexuais e porque as mulheres estão longe de ser uma minoria numérica. No entanto, a autora pondera que quando enquadradas a partir da interpretação de base patriarcal de suas “características inatas” (mulheres que “pedem” para ser estupradas em função de sua aparência, comportamento, moral etc.), as mulheres são alvo de discursos sexistas que tem por objetivo intimidá-las, desqualificá-las, incentivando todo o tipo de violência contra elas.

[20] WIKIPÉDIA. 2021. Pandemia de Covid-19. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pandemia_de_COVID-19. Acesso em: 06/02/2021.

políticos, é muito importante que busquemos compreender como se construiu o modelamento político-discursivo desse evento, a pandemia da Covid-19, por parte do Presidente Jair Bolsonaro.

Se, como afirma Bourdieu ([1980] 2011), “o mundo social é também representação e vontade”, e existir socialmente é também ser percebido como distinto (p. 118), pode-se compreender como JB busca, com suas declarações públicas, consolidar sua audiência^[21] cativa, representando-a a partir da encenação daquilo que reforça “ideias que valem não pelo seu valor de verdade, mas sim pela força de mobilização que elas encerram, quer dizer, pela força do grupo que as reconhece” (Bourdieu, 1981, p. 191), como a perspectivação legítima desse evento específico, a pandemia de Covid-19.

Como dissemos na primeira seção deste artigo, se, nos dois primeiros pronunciamentos oficiais, JB adotou um tom cauteloso em relação à pandemia, a partir de seu terceiro pronunciamento oficial, em 24 de março de 2020, o modelamento do evento “pandemia de Covid-19” passa a seguir um roteiro mais adequado aos interesses dos grupos políticos e econômicos no poder. A partir dessa data, seus pronunciamentos oficiais, declarações em eventos públicos e respostas a perguntas de jornalistas sobre a pandemia de Covid-19 passam a ter “uma circulação e um reconhecimento estereotípicos, transformando-se em emblemas de papéis e de relações sociais” (Agha, 2007, p. 97), especialmente através da circulação expandida desses estereótipos e da legitimação que lhe é conferida pela autoridade do presidente da República. Sendo assim, o modelamento sociocognitivo e discursivo da Covid-19 construído por JB pretendeu tornar a pandemia perceptível de uma certa forma à população brasileira ou, pelo menos, para uma parte dela. Nesse sentido, esse modelamento, como toda operação de enquadramento, é (i) acional; (ii) perspectivado, (iii) sistemático, (iv) esquemático, (v) mais ou menos estável, (vi) genérico, (vii) estratégico, (viii) social e discursivamente ancorado, (ix) coletivizado. A questão que se coloca aqui é: como JB, em suas falas públicas, modela sociocognitiva e discursivamente a Covid-19?

Em termos discursivos, isso se dá fundamentalmente por meio de práticas de entextualização (Bloomer, 2005; Bentes; Rezende, 2008), por parte de JB. Essas práticas possibilitaram a circulação de textos configurados de forma diversa (declarações, respostas, pronunciamentos oficiais) em diferentes contextos. Bloomer (2005) lembra que essa é uma das características de processos de comunicação institucional, a saber, o fato de as práticas de re-entextualização estarem sempre envolvidas em relações de poder. No caso de nossos exemplos, os diferentes textos que foram produzidos em determinados contextos (oficiais, e/ou jornalísticos) e que circularam em

outros contextos afirmaram a realidade da pandemia de Covid-19, perspectivando essa realidade de modo a reforçar conhecimentos comuns (coletivizados) entre o produtor do discurso (JB), sua audiência preferencial (seguidores e simpatizantes) e a audiência mais geral: a pandemia de Covid-19 está no Brasil; ela atinge a parcela mais idosa ou vulnerável da população; ela não é letal. Informações ou dados genéricos como esses nas falas públicas de JB caracterizam o modelamento da Covid-19; de certo modo, o organizam internamente e permitem, pela recorrência, que sejam estrategicamente evocáveis em variadas situações comunicativas.

Se considerarmos que os reconhecimentos estereotípicos (Agha, 2007) e as práticas de re-entextualização (nos termos dos autores acima citados) pressupõem um certo tipo de modelização dos discursos, podemos nos valer da concepção de contexto proposta de Van Dijk (2014), para quem os discursos e os modelos de contexto nele sociocognitivamente representados são os principais instrumentos de reprodução do conhecimento e valores em sociedade, tanto nas interações cotidianas, como na maioria das práticas institucionais. Nesse sentido, as propostas de modelização do discurso dão corpo aos esquemas de percepção produzidos a partir da inserção dos indivíduos em determinadas práticas sociais e discursivas.

Assim, é importante identificar como JB trata/enquadra/modela o discurso a partir de alguns elementos constitutivos de um determinado modelo de evento, no caso, a pandemia de Covid-19: **o vírus** (causas, sintomas), **a doença** (percepção de sua gravidade e consequências), **os principais eventos** a ele relacionados (a transmissibilidade e a letalidade), **os participantes do evento “pandemia de Covid-19** (os brasileiros “fortes” e “fracos”), **os papéis esperados desses participantes** (prevenção à doença/medo da doença), e **o papel do Governo na pandemia de Covid-19**:

1. **O vírus** é uma doença que atinge de forma mais grave as pessoas mais velhas: “há uma preocupação maior, por motivos óbvios, com os idosos” (pronunciamento de JB no dia 13.03.2020, link na nota 01);
2. **O vírus** foi e está sendo “superdimensionado”, causando no máximo os sintomas de uma “gripezinha” (pronunciamento de JB no dia 26.03.2020, link na nota 06 e declaração de JB em 10.11.2020 em evento oficial, link na nota 16);
3. **O brasileiro** é um “forte”: “(...) o brasileiro tem que ser estudado. Ele não pega nada. Você vê o cara pulando em esgoto ali, sai, mergulha, tá certo? E não acontece nada com ele” (resposta^[22] de JB a um jornalista sobre se a situação do Bra-

[21] Consideramos que o conceito de audiência deve ser compreendido nos termos de representados, mandatários, que se consagram-se à atividade política fundamentalmente pela ação de “crer” no/, de dar um crédito a, de reconhecer o político. Nesse sentido, JB é um “porta-voz” cuja palavra é forte porque fortes são aqueles que nele crêem, confiam e nele reconhecem a si mesmos (Bourdieu, 1981). Assim, podemos postular pelo menos duas recepções para o modelamento que JB faz do evento “pandemia de Covid-19”: a de seus seguidores, que valorizam e legitimam o que ele diz; e a de seus simpatizantes, aqueles que apesar de produzirem críticas pontuais em relação a seus posicionamentos, suas performances e ações políticas, continuam apoiando seu governo.

[22] MURAKAWA, F. 2020. Bolsonaro: brasileiro não pega nada, o cara pula no esgoto e não fica doente. Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/mercados/brasil-e-politica/noticia/2020/03/26/bolsonaro-brasileiro-nao-pegando-nada-o-cara-pula-no-esgoto-e-nao-fica-doente.ghml>. Acesso em: 10/12/2020.

sil poderia chegar ao patamar da situação norte-americana no dia 26.03.2020)

4. **O medo da morte e os cuidados com a pandemia são “coisa de viado”:** “o Brasil tem de deixar de ser um país de maricas” (declaração de JB em 10.11.2020 em evento oficial, link na nota 16); usar máscara é “coisa de viado” (comentário atribuído a JB, em 07.07.2020, segundo matéria da jornalista Monica Bergamo, link na nota 9);
5. **O governo federal não pode impedir as mortes por Covid-19 porque não há o que fazer em relação a essa doença, dado que a morte é uma realidade da qual ninguém escapa:** “E daí? Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagres” (resposta^[23] de JB ao ser questionado sobre o aumento do número de mortes em 28.04.2020); “Lamento os mortos, lamento. Todos nós vamos morrer um dia, aqui todo mundo vai morrer um dia... Não adianta fugir disso, da realidade” (declaração^[24] pública de JB em 10 de novembro de 2020 em evento oficial);

Até aqui, buscamos mostrar que os discursos produzidos por JB expressam e reforçam aspectos ou traços constitutivos de um evento contextualmente estruturado^[25] em falas públicas de modo a formatar, em termos sociocognitivos e discursivos, o evento inédito “pandemia de Covid-19”. Ilustramos com os exemplos acima como esse modelamento produz formas estereotípicas de objetos, eventos e relações sociais na pandemia de Covid-19, sobre as quais podem ser construídas reações sociais.

Sendo assim, os pronunciamentos oficiais e as declarações públicas em eventos, elencados nas notas ao longo deste artigo, textos estes configurados de maneira diversa sobre a pandemia de Covid-19 tematizaram: **um objeto** (o vírus/gripezinha), **um evento** (o possível efeito letal do vírus – a morte –, que atinge apenas os idosos, ou seja, os mais vulneráveis), as **ações** (ou falta delas) por parte do Governo federal (que não pode ser responsabilizado pelas mortes porque elas fazem parte da realidade da vida) e **pessoas e seus papéis sociais nessa pandemia** (as que têm coragem e enfrentam o vírus por sua própria conta, “de peito aberto”, ou as que são fracas porque justamente não têm coragem de enfrentar o vírus, os “maricas”, termo pejorativo que alude a um comportamento medroso, sensível e covarde associado de forma estereotípica às mulheres).

De forma a produzir esse modelamento, também uma série de processos e enquadramentos de natureza lin-

guística e sociocognitiva foram acionados, entre os quais destacamos:

1. *pressupostos* (“O brasileiro tem que ser estudado. Ele não pega nada. Você vê o cara pulando em esgoto ali, sai, mergulha, tá certo? E não acontece nada com ele”)
2. *frames* (como o de DESTINO^[26]: “não há o que fazer em relação a essa doença, dado que a morte é uma realidade da qual ninguém escapa/ O governo federal não pode impedir as mortes por Covid-19 porque não há o que fazer em relação a essa doença”);
3. *pré-construídos* (“o brasileiro é um forte”),
4. *estereótipos* (“o Brasil tem de deixar de ser um país de maricas”).

Esses processos de natureza sociocognitiva também foram articulados ao uso de recursos discursivos como *clichês* (“todos nós vamos morrer um dia”) *linguagem figurada e truísmos* (“Eu sou Messias, mas não faço milagres”), *linguagem avaliativa* (“O vírus foi e está sendo “superdimensionado”) e *recategorizações* (“gripezinha”).

Esses enquadramentos e ações discursivas presentes no modelamento do evento pandemia de Covid-19 apontam não apenas um tipo de conceptualização da pandemia por JB como a forma pela qual ele constrói, compartilha e regula a experiência social com ela. Eles assinalam também a perspectiva de JB sobre o envolvimento do poder público com a pandemia, a saber: inércia, isenção e renúncia a qualquer responsabilização pela crise sanitária e seus efeitos no contexto nacional.

A nosso ver, a alta circulação de textos (pronunciamentos oficiais e declarações públicas desde março de 2020 até os dias de hoje) com uma reiterada perspectiva forjada por meio de enquadramentos e ações discursivas possibilitou a ancoragem e a emergência de uma base comum (*common ground*) de conhecimentos sobre a pandemia da Covid-19 também assimilada por grande parte da população brasileira, que não contou desde o início com rastreamento e controle do contágio e sofre com um programa de vacinação tardio, lento e descontinuado, malgrado o esforço de cientistas e autoridades sanitárias do Brasil e do Exterior para conclamar o Governo Federal a tomar iniciativas cabíveis e necessárias para conter a pandemia e proteger a população. No momento em que escrevemos este artigo, essa base de conhecimento e de experiência comum utilizada para o modelamento de pandemia de Covid-19 por JB começa a ser desconstruída

[23] GARCIA, G. 2020. ‘E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?’, diz Bolsonaro sobre mortes por coronavírus; ‘Sou Messias, mas não faço milagre’. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 10/12/2020

[24] BRITO, R. 2020. Bolsonaro: Brasil tem que deixar de ser um “país de maricas”. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/bolsonaro-brasil-tem-que-deixar-de-ser-um-pais-de-maricas,cee59c8a27cc7a325e102d06e4309058nqlzklky.html>. Acesso em: 10/12/2020.

[25] Para Van Dijk (2012), “a direção geral do processo de produção do discurso vai de modelos de eventos (ou situações) dados, representados na memória episódica, até a produção estratégica do próprio discurso, passando pelos modelos de contexto o modelo de contextos. Os modelos de eventos, nesse caso, suprem a informação para o “conteúdo” do discurso, isto é, aquilo que é dito, e os modelos de contexto controlam como as coisas são ditas na situação em curso. (p. 146-147)

[26] Definido, na base da Framenet, como “An State_of_affairs will come to hold with respect to a Protagonist at some future time. The Protagonist is not conceived of as having control over whether the State_of_affairs will hold: obscurely related previous actions or circumstances, or some hidden power may have already determined that it will occur. (<https://framenet.icsi.berkeley.edu/fndrupal/framenIndex>)

no país, na medida em que o número de mortos no Brasil aumenta a cada dia e a letalidade do vírus atinge diversas faixas etárias. As sequelas causadas pela doença também auxiliam na desconstrução da Covid-19 como uma mera “gripezinha”. No entanto, neste mesmo momento, um ano depois do primeiro pronunciamento de JB, há brasileiros que continuam categorizando o vírus como “uma gripezinha”, apoiando-se nos elementos de modelamento da pandemia construído por JB para justificar a inação do Governo, ou uma ação mínima, no plano sócio-sanitário^[27].

4. Categorização social e linguagem avaliativa no contexto da pandemia de Covid-19: usar máscara é “coisa de viado”

Assim como em relação ao papel do Estado na pandemia, muitos segmentos da sociedade brasileira reagiram e reagem de forma crítica em relação aos estereótipos e à violência verbal (que incentiva a produção de discurso de ódio) presentes nas manifestações públicas de JB, especialmente em relação às pessoas e grupos sociais. Antes de refletir sobre as reações às falas públicas de JB, procederemos a uma breve discussão sobre a categorização produzida reiteradamente pelo presidente para identificar aqueles que considera serem “os fracos”, “os medrosos”, “os maricas”, os que não enfrentam o vírus com coragem viril.

A locução figurada “coisa de viado” refere-se, no interior de práticas discursivas homofóbicas, pejorativamente, a determinadas condutas ou práticas consideradas não masculinas, ou não suficientemente masculinas (*coisa de viado*, *coisa de maricas*, *coisa de mulherzinha*). Portanto, de menor valor social, repreensível, deplorável. Entre seus efeitos pragmáticos ela tem como características o constrangimento moral, o embaraço, a vergonha, o vexame; entre seus efeitos discursivos podemos aventar a intimidação, a restrição e mesmo o exercício discricionário de poder.

A categorização social é um processo pelo qual os agentes sociais classificam outros agentes a partir de relações de forças objetivas (materiais e simbólicas) e de esquemas de percepção (Bourdieu, [1980] 2011, p. 124). Na esteira de uma visada sociológica, Agha (2007) afirma que os atos cotidianos de nos referirmos às entidades do/no mundo são organizados por princípios subjacentes de intermediação das relações sociais. Portanto, ao categorizarem alguém ou um grupo de determinada forma, os agentes buscam impor suas perspectivas sobre como se dá a divisão do mundo social, ou seja, buscam localizar /posicio-

nar o indivíduo ou grupo social categorizado.

Vejamos, então, um pouco do histórico da construção dos sentidos sociais da categorização “viado”. De acordo com Borba (2020), o desconforto causado pelo termo *queer* (viado, em português) tem longo histórico na língua inglesa, dado que o primeiro registro da palavra data do século 16, quando passou a veicular sentidos como “estranho”, “peculiar” e “excêntrico”. O autor segue narrando:

Contudo, na Inglaterra do século 19, John Douglas, o 9º Marquês de Queensbury, enfurecido pela relação amorosa entre seu filho Alfred e Oscar Wilde, utilizou o termo no processo judicial que levou o escritor para prisão: Snob *queers*, dizia ele em referência a Wilde. A repercussão desse caso na mídia ajudou que o termo fosse popularizado como uma forma de insulto homofóbico no mundo anglo-saxão, uso que ficou bastante consolidado. Com efeito, na década de 1960, segundo a linguista Julia Penelope (1970), as lésbicas e gays que entrevistou para sua pesquisa sobre gírias homossexuais reconheciam *queer* como uma ofensa utilizada por pessoas heterossexuais para expressar desdém e desprezo, algo como “bicha”, “viado” e “sapatão” em português. Constituiu/constituiu um xingamento contra pessoas que mostram fissuras nos sistemas de reconhecimento disponíveis. Muitos desses sistemas, que Butler (2003) chama de matriz de inteligibilidade, têm a ver com sexualidade. (Borba, 2020, p. 4-5)

Em português, não é diferente. De acordo com o colunista João Ker, em um ensaio para a Revista Híbrida, no qual tematiza a categorização por parte de JB da ação de usar máscaras como “coisa de viado”, essa expressão está relacionada a práticas de linguagem homofóbicas, servindo para minimizar e estigmatizar todos os comportamentos que fogem às regras da masculinidade tradicional. Sobre a associação entre a palavra “viado” e a homossexualidade masculina, ele afirma:

Não há um consenso sobre como o animal veado passou a representar homossexuais no português brasileiro. Alguns acreditam que seja por associação às palavras “transviado” ou “desviado” (aquele que foge à normalidade) ou à fragilidade de Bambi, no filme da Disney, apesar de o inglês “deer” não ser usado assim. Há quem diga que tem a ver com policiais do Brasil colonial e o hábito que tinham de perseguir veados e viados, ambos os grupos correndo dos oficiais “aos saltos”. A versão mais popular, entretanto, dá conta de que o veado representa a 24ª dezena no jogo do bicho e, por isso, seria associado aos homens gays.^[28]

[27] “Essa doença aí não existe, é uma mentira criada pelo governador e pelos chineses para tirar a liberdade da gente. Meu médico já tinha me falado que isso aí era uma gripe fraquinha, que se tomar o kit covid do Bolsonaro, o vírus morre na hora. Então não estou nem aí” J. C. A, 75 anos, advogado aposentado e sem proteção, aos risos.” Acesso em 05 de janeiro de 2021. BUSINARI, M. 2021. “Essa doença não existe”: turistas evitam máscara em feriado de praia cheia. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2021/02/14/essa-doenca-nao-existe-turistas-evitam-mascara-em-feriado-de-praia-cheia.htm?fbclid=IwAR1DHBg1e6tQZ3hjvldOmlDNWfwT_z5tteZCmaLQvCVKrGOnW2LpEJE0Ag&cmpid=copiaecola. Acesso em: 20/02/2021.

[28] KER, J. 2020. Gays não são ‘viados’ pro Presidente nem pro pedreiro. Disponível em: <https://revistahibrida.com.br/2020/07/10/gays-nao-sao-viados-pro-presidente-nem-pro-pedreiro/>. Acesso em: 06/02/2021.

De acordo com o que expusemos acima, essa categorização se dá a partir de um esquema de construção que reproduz as relações sociais exatamente no ato de nomear, referir, designar, o que indicia o fato de que os indivíduos ou grupos categorizados situam-se em lugares pouco prestigiados do espaço social, como afirmou Butler (1997), ou seja, encontram-se em posição de subordinação e/ou de reprovação social.

Essa expressão veiculada na fala de Bolsonaro no contexto da pandemia de Covid-19 encontra eco em declarações anteriores, ou seja, tem um lastro intertextual^[29]. Por exemplo, em 2016, JB declarou “Gostar de homossexual ninguém gosta”, o que lhe rendeu, em 2016, uma representação (dentre tantas outras) contra ele no Conselho de Ética da Câmara dos Deputados. Essa iniciativa também foi qualificada por JB como “coisa de viado”. Há outras declarações e performances homofóbicas de JB, como a de 2013, na qual afirma em uma entrevista: “Sou homofóbico sim, com muito orgulho”^[30]. Ou como uma *performance*^[31] homofóbica exibida em dezembro de 2020, na qual JB encena a fala de alguém que teria interesse em fazer um tratamento preventivo para Covid-19, a ozônio terapia, aplicada por via retal, tratamento anunciado pelo prefeito da cidade de Itajaí, no estado de Santa Catarina. Na paródia encenada por JB para imitar alguém que solicita esse tipo de tratamento, ele entoou a frase “Eu estou com covid” de forma caricatural, procurando reproduzir uma voz feminina, “fininha”.

Se a avaliação é um fenômeno de efeito normativo que envolve múltiplos conhecimentos integrados e complexos e cuja base são a categorização (Lakoff, 1987) e as práticas socioculturais (Leezenberg, 2015), a linguagem avaliativa não deixa de expressar e transmitir valores socioculturais e traz, certamente, implicações de toda ordem para os indivíduos e comunidades inteiras, dentre as quais destacaríamos os discursos de ódio e de intolerância, os estereótipos, a opressão verbal, o preconceito (Morato; Bentes, 2017).

Chamar alguém de *viado* costuma ser compreendido como um insulto, um xingamento, uma depreciação, independentemente da orientação sexual ou afetiva do ofendido. Como ponderamos em artigo sobre o politicamente correto na linguagem (Morato; Bentes, 2017), o caráter avaliativo dos termos empregados para depreciar, caluniar ou agredir alguém exige a ativação compartilhada de questões socioculturais e sensibilidade ao contexto global e local ligados e decorrentes do emprego de determinada expressão, algo que passa também pelo reconhecimento da responsabilidade ético-discursiva do produtor e do

receptor de insultos e fenômenos congêneres.

O caso especial da categorização e, a um só tempo, da avaliação daqueles que, no contexto da pandemia de Covid-19, usam máscaras como “viados”, e a consequente deslegitimação de suas ações, além do lastro intertextual no que diz respeito à afirmação de uma identidade homofóbica para si mesmo, revela que JB sempre operou, como membro do Parlamento brasileiro e, depois, como Presidente da República, com a oficialização (Hanks, 2005) do insulto, da violência verbal em relação a esse e outros grupos minoritários. Sendo assim, o insulto, a violência verbal, deixam de fazer parte do “universo das perspectivas particulares”, para serem operados legitimamente por um mandatário do Estado, sendo este último também o detentor do monopólio

É no interior das interações e das práticas sociais que os recursos linguísticos e discursivos são manejados de forma a indiciar a negociação das identidades sociais e dos valores a elas associados”

violência simbólica legítima (Bourdieu, 1984, p. 149). A reiteração desse modo de dividir o mundo social (entre “fortes” e “fracos”; entre “homens de verdade”^[32] e “maricas”) no contexto da pandemia de Covid-19 também pode ser explicado, por uma lente sociocognitiva: “valores familiares patriarcais projetados sobre a religião, a política e o mercado” (Lakoff, 2009, p. 1), com claros interesses de manter todos e todas no

interior de uma guerra cultural sem fim.

No entanto, é no interior das interações e das práticas sociais que os recursos linguísticos e discursivos são manejados de forma a indiciar a negociação das identidades sociais e dos valores a elas associados (Bucholtz, Hall, 2004). Tomemos, a propósito, alguns exemplos de resistência a/ e de subversão desse discurso por meio de recategorizações da expressão “coisa de viado” e da expressão “viado”, produzidas por diferentes agentes sociais usuários das redes sociais, de forma a combater o enquadramento de JB para (des)qualificar aqueles que usam máscaras, subvertendo-o. Isso, a nosso ver, revela um alto grau de reflexividade desses usuários em relação à linguagem, ao modelamento sociocognitivo e discursivo do presidente da República em relação à pandemia da Covid-19 e às ações do governo.

[29] Assumimos aqui o sentido amplo de intertextualidade, tal como postulado por Kristeva (1974) e Bauman e Briggs (1995) e discutido por Koch, Bentes e Magalhães (2007).

[30] CATRACA LIVRE. 2018. ‘Sou homofóbico, sim, com muito orgulho’, diz Bolsonaro em vídeo. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/sou-homofobico-sim-com-muito-orgulho-diz-bolsonaro-em-video/>. Acesso em: 10/12/2020.

[31] KOTSCHO, R. 2020. Bolsonaro faz piadas sobre a covid-19; Dimas Covas produz primeiras vacinas. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/balaio-do-kotscho/2020/12/10/bolsonaro-faz-piadas-sobre-a-covid-19-e-sao-paulo-comeca-a-produzir-vacinas.htm>. Acesso em: 06/02/2021

[32] Em 29 de março de 2020, Bolsonaro afirmou, em uma visita a um centro comercial em Brasília, que era necessário enfrentar o coronavírus “como homem”: “Vamos enfrentar o vírus com a realidade. É a vida. Todos nós vamos morrer um dia”. FERRAZ, A. 2020. Bolsonaro diz que é preciso ‘enfrentar vírus como homem e não como moleque’. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2020/03/29/bolsonaro-diz-que-e-preciso-enfrentar-virus-como-homem-e-nao-como-moleque.htm>. Acesso em: 10/12/2020.

5. Usar máscara facial é “coisa de viado”: recategorização e reflexividade nas redes sociais

Até aqui, estivemos interessadas em analisar a força simbólica encarnada nas ações sociais e/ou discursivas de JB na legitimação de sua perspectiva sobre a Covid-19. Ao estabelecer a disjunção estabelecida entre a pandemia da Covid-19 e a necessária continuidade da movimentação econômica dos agentes sociais em busca da sobrevivência, associando o uso da máscara facial protetora à comportamento de “viado”, JB enfrentou uma grande e imediata mobilização de movimentos e lideranças LGBT e de vários outros setores da sociedade que não apenas criticaram o gesto homofóbico de Bolsonaro, como estimularam debates sobre preconceito, direitos humanos e padrões de masculinidade, além de subirem a hashtag #CoisadeViado, a mais comentada no dia 8 de julho de 2020^[33]. Em resposta à frase atribuída a Bolsonaro pela jornalista do jornal Folha de S. Paulo, a organização Aliança Nacional LGBTI+ também lançou a campanha nas redes sociais batizada de “Usar máscara também é coisa de viado. Para proteger você e a todos”. A ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), por seu turno, divulgou a campanha “Não é só coisa de viado... travesti também usa! Não faz a bobinha, use máscara!”^[34]

Subir *hashtags* ou “sequestrar” *hashtags* é muito característico de alguns tipos de ativismo político nas redes, de acordo com estudos recentes (Hadgo; Garimella; Weber, 2018). Podemos afirmar que esse tipo de ativismo é motivado não por lealdade partidária, mas por opiniões derivadas do pensamento crítico e da reflexão ética (Scammell, 2000 *apud* Sommerville, 2018, p. 375). O processo de reflexividade linguística exibido por meio de recategorizações tanto da expressão “coisa de viado” como também do referente “viado” pressupõe assumirmos que essas recategorizações, consideradas em termos das relações sociológicas macro-micro, são um fenômeno que ocorre em menor escala se pensamos em termos discursivos, dado que incide especificamente sobre o processo de nomeação/categorização, mas que podem formatar e/ou produzir fenômenos em larga escala, que passam a ser conhecidos mais amplamente por outros grupos sociais (Agha 2017, p. 11). Vejamos um exemplo retirado de uma rede social^[35], quando da subida da *hashtag* #CoisadeViado.

(1) É engraçadíssimo que as coisas ditas «de viado» são sempre algo positivo: cuidar da saúde, estudar, demonstrar compaixão. Deus me livre ser hetero então.

A expressão “coisa de viado”, duplamente recategorizada no texto, primeiramente por “coisas ditas de viado”, e por outra expressão referencial genérica, “algo positivo”, é, em seguida, relacionada de forma direta a determinadas ações sociais que implicam um tipo de perfil valorizado socialmente: aquele que estuda, que cuida de si, que tem compaixão pelos outros. Além disso, o enunciado seguinte produz uma autocategorização implícita de seu enunciador, que se distancia da condição de heterossexual ao afirmar “Deus me livre de ser hetero”.

Assim, o funcionamento da recategorização da expressão “coisa de viado” nas redes sociais pode ser resumido nos termos do enunciado “coisa de viado é X”, podendo “X” ser preenchido por predicados semanticamente relacionados às qualidades do cuidado, da empatia, do respeito e da proteção em relação ao próprio indivíduo e aos outros. Um aspecto que valeria a pena ressaltar diz respeito ao grau de percepção social da expressão “coisa de viado” e do referente “viado”. Observando a reação dos variados grupos sociais e da comunidade LGBTQ+ ao uso de ambas, temos a impressão de que, uma vez “ressignificadas”, podem perder o potencial de deslegitimação, ofensa e discriminação. Gostaríamos de ponderar sobre essa questão.

A expressão “coisa de viado” pode soar menos ofensiva do que a forma isolada “viado” porque no primeiro caso o trabalho inferencial é maior e envolve tanto aquele que a profere, quanto aquele que a ouve ou lê. Já no segundo caso, em que temos a estrutura predicativa “A é um viado”, ou o xingamento, “Seu viado!”, situação na qual A é chamado de “viado”, a percepção da depreciação é produzida um pouco mais diretamente, sobretudo na segunda situação, ainda que a categorização em ambos os casos não prescindia de uma operação inferencial. Além disso, o enunciado coloca em relevo o papel e a responsabilidade daquele que enuncia a expressão. Ou seja, parece-nos que há sempre um grau de ofensa envolvido no uso da lexia “viado, e sua resignificação não é assim tão simples ou integral - e certamente não é de ordem linguística *stricto sensu*. O tabu permanece e a ofensa permanece, de todo modo. Ao que parece, quanto menor a percepção social da ofensa contida ou veiculada nessas expressões, maior a presença da violência verbal, da discriminação social e do estereótipo.

No entanto, as lutas empreendidas especificamente sobre essa categorização foram justamente na direção de: (i) enunciar novamente a expressão “viado”; e (ii) estabelecer relações diretas entre essa expressão e atributos valorizados socialmente, recategorizando-a. Por exemplo, diferentes atores sociais que participaram ativamente da campanha iniciada com a *hashtag* colocaram fotos - usando máscaras - acompanhadas de breves textos por meio dos quais assu-

[33] CATRACA LIVRE. 2020. Internet mostra a Bolsonaro o que de fato é ‘coisa de viado’. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/entretenimento/internet-mostra-a-bolsonaro-o-que-de-fato-e-coisa-de-viado/>. Acesso em: 06/02/2021.

[34] SEMANAON. 2020. Fala atribuída a Bolsonaro sobre uso de máscara ser ‘coisa de viado’ provoca debate. Disponível em: <http://www.semanaon.com.br/conteudo/15893/fala-atribuida-a-bolsonaro-sobre-uso-de-mascara-ser-coisa-de-viado-provoca-debate>. Acesso em: 10/12/2020.

[35] NOTÍCIAS FOOBÁ. 2020. Teria Bolsonaro feito fala homofóbica em relação ao uso de máscara. Disponível em: <https://noticias.fooba.com.br/teria-bolsonaro-feito-fala-homofobica-em-relacao-ao-uso-de-mascara/>. Acesso em: 06/02/2021.

mem o pertencimento a categoria “viado”, ora fazendo certas coisas (trabalhando e usando máscara de proteção contra a Covid-19, saindo com máscara), ora simplesmente assumindo a categorização (“eu sou viado/a”), atribuindo-se as qualidades morais acima mencionadas (cuidado, proteção, respeito, empatia etc). Também a mídia conservadora identificou-se com a categoria de forma particular, por meio da estrutura *Somos todos X*, que envolve adesão ou solidariedade a indivíduos, coletividades ou locais agredidos.

(2) Nesse caso, somos todos viados altruístas, que se recusam a contaminar – e a matar – os outros.^[36]

Se, por um lado, os movimentos realizados pelo discurso do ódio - difamar a população LGBTQ+ e estimular sua segregação, seu isolamento, seu rechaço social, sua ridicularização – são observáveis na operação discursiva produzida por JB ao associar o uso de máscaras de proteção contra a Covid-19 a comportamentos que seriam inerentes a homossexuais masculinos, por outro lado, a movimentação da *hashtag* nas redes sociais produz uma “misapropriação” da nomeação (Butler, 1997), possibilitando, para além da recategorização, a emergência de novos contextos discursivamente formulados para a atuação dos indivíduos durante a pandemia da Covid-19, conferindo-lhe outros sentidos sociais que se colocam em claro embate com os sentidos produzidos a partir do modelamento da pandemia executado por JB.

6. Considerações finais

Buscamos aqui articular duas facetas do processo de normalização dos efeitos letais da pandemia: (i) o processo contínuo de modelamento sociocognitivo e discursivo da pandemia de Covid-19 produzido nos/pelos pronunciamentos e declarações de JB; (ii) a caracterização do exercício reiterado da violência verbal em relação aos mais diversos agentes sociais que, no contexto da pandemia, optaram por seguir orientações de autoridades sanitárias. A articulação entre essas duas facetas se mostrou eficaz porque (i) formatou, oficializou e legitimou durante a pandemia o exercício da violência verbal no mais alto cargo da República do Brasil, e porque (ii) projetou tipos de ações e de relações sociais em relação à pandemia de Covid-19, que também foram observadas em outros países cujas autoridades políticas tardaram ou nem sequer se deram conta da gravidade da pandemia e de seus efeitos sociais, sanitários e

econômicos. O modelamento sociocognitivo e discursivo da pandemia da Covid-19 produzido pelo atual Presidente da República Jair Bolsonaro, ao se ancorar em representações e enquadres sociocognitivos preexistentes, e ao manipular textual e discursivamente informações e pressupostos por meio do uso de linguagem avaliativa, reconfigurou aquilo que é novo em coisa já conhecida, dominada.

Por fim, buscamos analisar como setores da sociedade brasileira reagiram ao modelamento do evento Covid-19 ecoado na fala e nas performances públicas de JB com a criação, por parte de movimentos LGBTQ+, da *hashtag* #CoisadeViado. Essa reação foi ancorada por um alto grau de reflexividade linguística e social por parte dos mais diversos agentes sociais. Em relação à reflexividade linguística, os diversos agentes recategorizaram tanto a expressão “coisa de viado”, que se referia ao uso de máscaras de proteção facial contra a Covid-19, quanto à expressão “viado”, ao assumirem e reconstruírem essa identidade social por meio de atributos positivos e socialmente valorizados. A reflexividade social ocorreu quando criticaram abertamente as ações de JB, desqualificando-as e performatizando o “bom combate”, tal como preconizam estudiosos do discurso de ódio. A reflexividade social e linguística que emergiu nas lutas pelos sentidos sociais do evento “pandemia de Covid-19” e também seus modos de enfrentamento possibilitou novos modelamentos a partir de ações reflexivas em menor escala, mas que conseguem produzir efeitos de crítica e de realinhamento sociais em larga escala.

Ainda que o modelamento do evento da Covid-19 por JB tenha sido capaz de influenciar ou consolidar em segmentos da população certas posições ideológicas sobre várias esferas da vida em sociedade (papel e obrigações do Estado e atuação dos órgãos e instituições públicas, direitos constitucionais, papel da ciência e das autoridades sanitárias nacionais e internacionais, papel da imprensa na comunicação informativa, garantia de condições socioeconômicas da população e do desenvolvimento da economia etc.), as ações reflexivas de várias ordens, como as mencionadas no escopo deste artigo, respondem pelo fortalecimento da apreensão de um mundo ao qual podemos chegar se conseguirmos atravessar o “mar revolto da história”. A pandemia de Covid-19 destacou as mazelas políticas do populismo conservador no Brasil e no mundo. A violência simbólica de que este é revestido, como vimos, transparece por vezes de maneira sutil, por vezes de maneira bastante encorpada. Desvelá-la continuamente é parte de sua superação.

[36] O ANTAGONISTA. 2020. “Coisa de viado”. Disponível em: <https://www.oantagonista.com/brasil/coisa-de-viado/>. Acesso em: 10/12/2020.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, M. 2006. Hybridizing Habitus and Reflexivity: Towards an Understanding of Contemporary Identity. *Sociology*, **40**(3):511-528. <https://doi.org/10.1177/003803850663672>
- ADORNO, L. 2020. 2020 vira ano mais violento a jornalistas com Bolsonaro liderando agressões. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2021/01/26/com-bolsonaro-como-principal-agressor-2020-foi-mais-violento-a-jornalistas.htm>. Acesso em: 06/02/2021.
- AGHA, A. 2007. *Language and social relations*. Cambridge, Cambridge University Press, 427 p.
- ASANO, C.L.; VENTURA, D. et al. 2021. Boletim Direitos na pandemia: Mapeamento e Análise das Normas Jurídicas de Resposta à Covid-19 no Brasil. Disponível em: https://www.conectas.org/wp/wp-content/uploads/2021/01/Boletim_Direitos-na-Pandemia_ed_10.pdf. Acesso em: 06/02/2021.
- BENTES, A. C.; REZENDE, R.C. 2008. Texto: conceitos, questões, fronteiras (con)textuais. In: I. SIGNORINI (org.), *[Re]Discutir texto, gênero e discurso*. São Paulo, Parábola, p. 19-46.
- BENTES, A. C.; REZENDE, R.C. 2019. Linguística Textual e Sociolinguística. In: E. R. SOUZA; E. PENHABEL; M.R. CINTRA (org.), *Linguística Textual: interfaces e delimitações*. São Paulo, Cortez Editora, p. 258-301.
- BERGAMO, M. 2020. Máscara é 'coisa de viado, dizia Bolsonaro na frente de visitas. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/07/mascara-e-coisa-de-v-dizia-bolsonaro-na-frente-de-visitas.shtml> Acesso em: 10/12/2020
- BLOOMAERT, J. *Discourse. Key topics in sociolinguistics*. Cambridge, Cambridge University Press, 229 p.
- BORBA, R. 2020. Linguística queer: algumas desorientações. In: R. BORBA (org.) *Discursos transviados: por uma linguística queer*. São Paulo, Cortez Editora, p. 4-42.
- BOURDIEU, P. 1977. Sobre o poder simbólico. In: D. R. CURTO; N. DOMINGOS; M. B. JERÓNIMO (orgs.), *O poder simbólico*. Lisboa, Edições 70, p. 4-13.
- BOURDIEU, P. 1987. Introdução a uma sociologia reflexiva. In: D. R. CURTO; N. DOMINGOS; M. B. JERÓNIMO (orgs.), *O poder simbólico*. Lisboa, Edições 70, p. 15-56.
- BOURDIEU, P. 1981. A representação política. Elementos para uma teoria do campo político. In: D. R. CURTO; N. DOMINGOS; M. B. JERÓNIMO (orgs.), *O poder simbólico*. Lisboa, Edições 70, p. 167-215.
- BOURDIEU, P. 1984. Espaço social e gênese das classes. In: D. R. CURTO; N. DOMINGOS; M. B. JERÓNIMO (orgs.), *O poder simbólico*. Lisboa, Edições 70, p. 135-163.
- BOURDIEU, M; HALL, K. 2004. Language and identity. In: A. DURANTI (ed.), *A Companion to Linguistic Anthropology*, Oxford, Blackwell, p. 369-394. <https://doi.org/10.1002/9780470996522.ch16>
- BRITO, R. 2020. Bolsonaro: Brasil tem que deixar de ser um "país de maricas". Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/bolsonaro-brasil-tem-que-deixar-de-ser-um-pais-de-maricas,cee59c8a27c-c7a325e102d06e4309058nqlzklky.html>. Acesso em: 10/12/2020.
- BUCHOLTZ, M; HALL, K. 2004. Language and identity. In: A. DURANTI (ed.), *A Companion to Linguistic Anthropology*, Oxford, Blackwell, p. 369-394. <https://doi.org/10.1002/9780470996522.ch16>
- BUTLER, J. 1997. *Excitable speech. A politics of the performative*. New York, Routledge. 184 p.
- BUSINARI, M. 2021. "Essa doença não existe": turistas evitam máscara em feriado de praia cheia. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2021/02/14/essa-doenca-nao-existe-turistas-evitam-mascara-em-feriado-de-praia-cheia.htm?fbclid=IwAR1DHBg1e6tQZ3hjvIldOmLDNW-fwT_z5tteZCmaLOvCVKrGOnW2LpEJE0Ag&cmpid=copiaecola. Acesso em: 20/02/2021.
- CALIXTO, L. 2021. Brasil é o pior país do mundo na gestão da pandemia. Disponível em: <https://congressoem-foco.uol.com.br/saude/brasil-e-o-pior-pais-do-mundo-na-gestao-da-pandemia-aponta-pesquisa/>. Acesso em: 06/02/2021.
- CATRACA LIVRE. 2018. 'Sou homofóbico, sim, com muito orgulho', diz Bolsonaro em vídeo. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/sou-homofobico-sim-com-muito-orgulho-diz-bolsonaro-em-video/>. Acesso em: 10/12/2020.

- CATRACA LIVRE. 2020. Internet mostra a Bolsonaro o que de fato é 'coisa de viado'. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/entretenimento/internet-mostra-a-bolsonaro-o-que-de-fato-e-coisa-de-viado/>. Acesso em: 06/02/2021.
- COHEN-AMALGOR, R. 2011. Fighting Hate and Bigotry on the Internet. *Policy and Internet*, **3**(3):1–26. <https://doi.org/10.2202/1944-2866.1059>
- CURTO, D. R.; DOMINGOS, N.; JERÓNIMO, M. B. 2011. O poder simbólico e o projeto sociológico de Pierre Bourdieu. In: D. R. CURTO; N. DOMINGOS; M. B. JERÓNIMO (orgs.), *O poder simbólico*, Lisboa, Edições 70, p. 15-52.
- EL PAÍS. 2018. O que Bolsonaro já disse de fato sobre mulheres, negros e gays. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/06/politica/1538859277_033603.html. Acesso em: 06/02/2021.
- FERRAZ, A. 2020. Bolsonaro diz que é preciso 'enfrentar vírus como homem e não como moleque'. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2020/03/29/bolsonaro-diz-que-e-preciso-enfrentar-virus-como-homem-e-nao-como-moleque.htm>. Acesso em: 10/12/2020.
- GARAY, A.; ÍÑIGUEZ, L.; MARTINEZ, L. M. 2005. La perspectiva discursiva en psicología social, *Subjetividad y procesos cognitivos*, (7):105-130.
- GARCIA, G. 2020. 'E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?', diz Bolsonaro sobre mortes por coronavírus; 'Sou Messias, mas não faço milagre'. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 10/12/2020
- HADGO, A.T.; GARIMELLA, K.; WEBWER, I. 2012. Political hashtag hijacking in the US. *Proceedings of the 22nd International Conference on World Wide Web*. Company, Rio de Janeiro, p. 55–56. <https://doi.org/10.2202/1944-2866.1059>
- HANKS, W.F. 2008. *Língua como prática social: das relações entre Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo, Cortez Editora, 280 p.
- KER, J. 2020. Gays não são 'viados' pro Presidente nem pro pedreiro. Disponível em: <https://revistahibrida.com.br/2020/07/10/gays-nao-sao-viados-pro-presidente-nem-pro-pedreiro/>. Acesso em: 06/02/2021.
- KOIKE, D; BENTES, A.C. 2018. *Tweetstorms* e processos de (des)legitimação na administração Trump. *Cad. Cedes*, **38**(105):129-136. <https://doi.org/10.1590/cc0101-32622018183528>
- KOTSCHO, R. 2020. Bolsonaro faz piadas sobre a covid-19; Dimas Covas produz primeiras vacinas. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/balaio-do-kotscho/2020/12/10/bolsonaro-faz-piadas-sobre-a-covid-19-e-sao-paulo-comeca-a-produzir-vacinas.htm>. Acesso em: 06/02/2021
- LAKOFF, G. 2008. *The political mind: why you can't understand 21st-Century American politics with an 18th-century brain*. Nova York, Viking. 292 p.
- LEEZENBERG, M. 2015. Da linguística cognitiva à ciência social: 30 anos após Metáforas da Vida Cotidiana. *Revista Investigações*, **28**(2):1-28.
- LILIAN, D.L. 2007. 'A thorn by any other name: sexist discourses hate speech'. *Discourse and Society*, **18**(6):719-740. <https://doi.org/10.1177/0957926507082193>
- MORATO, E. M.; BENTES, A. C. 2017. "O mundo tá chato": algumas notas sobre a dimensão sociocognitiva do politicamente correto na linguagem. *Revista USP*, (115):11-28. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i115p11-28>
- MORATO, E. M. 2018. Processos de (des)legitimação linguístico-cognitiva: notas sobre o campo das patologias. *Cad. Cedes*, **38**(105): 159-178. <https://doi.org/10.1590/cc010132622018183678>.
- MURAKAWA, F. 2020. Bolsonaro: brasileiro não pega nada, o cara pula no esgoto e não fica doente. Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/mercados/brasil-e-politica/noticia/2020/03/26/bolsonaro-brasileiro-nao-peganada-o-cara-pula-no-esgoto-e-nao-fica-doente.ghtml>. Acesso em: 10/12/2020.
- NOTÍCIAS FOOBÁ. 2020. Teria Bolsonaro feito fala homofóbica em relação ao uso de máscara. Disponível em: <https://noticias.fooba.com.br/teria-bolsonaro-feito-fala-homofobica-em-relacao-ao-uso-de-mascara/>. Acesso em: 06/02/2021.
- O ANTAGONISTA. 2020. "Coisa de viado". Disponível em: <https://www.oantagonista.com/brasil/coisa-de-viado/>. Acesso em: 10/12/2020.
- PARINTINS-LIMA, R. J.; MORATO, E. M. 2020. Racismo e violência verbal: a construção textual e sociocognitiva da #SomosTodosMacacos. *Revista de Estudos da Linguagem*, **28**(4):1637-1666. <https://doi.org/10.17851/2237-2083.28.4.1637-1666>

- PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. GOV.BR. 2020. Em pronunciamento na TV, Bolsonaro diz que não há motivo para pânico sobre o coronavírus. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2020/03/em-pronunciamento-na-tv-bolsonaro-diz-que-nao-ha-motivo-para-pnico-sobre-o-coronavirus> Acesso em: 10/12/2020.
- R7 – BRASIL. 2020. Bolsonaro diz que manifestações de domingo 'precisam ser repensadas'. Disponível em: <https://noticias.r7.com/brasil/bolsonaro-diz-que-manifestacoes-de-domingo-precisam-ser-repensadas-12032020>. Acesso em: 10/12/2020.
- SCHELP, D. 2021. Cúpula Bolsonarista faz 30% dos tuítes que promovem teoria conspiratória. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/columnas/diogo-schelp/2021/02/04/cupula-bolsonarista-faz-30-dos-tuites-que-promovem-teoria-conspiratoria.htm> Acesso em: 06/02/2021.
- SEARA, I. R. 2020. Violência verbal nos discursos político e mediático contemporâneos: da dicotomização ao insulto. *Revista de Estudos da Linguagem*, 28(4):1507-1518. <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.28.4.1507-1518>
- SEMANAON. 2020. Fala atribuída a Bolsonaro sobre uso de máscara ser 'coisa de viado' provoca debate. Disponível em: <http://www.semanaon.com.br/conteudo/15893/fala-atribuida-a-bolsonaro-sobre-uso-de-mascara-ser-coisa-de-viado-provoca-debate>. Acesso em: 10/12/2020.
- SOMMERVILLE, I. 2018. Political Engagement, Communication, and Democracy: Lessons from Brexit. In: K. A. JOHNSTON; M. TAYLOR (eds.) *The Handbook of Communication Engagement*. New Jersey, Wiley Blackwell, 579 p. <https://doi.org/10.1002/9781119167600.ch25>
- TERRA. CORONAVÍRUS. 2020. BEHNKE, E. Bolsonaro sobre mortos por covid-19: 'Não sou coveiro, tá?' Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/coronavirus/bolsonaro-sobre-mortos-por-covid-19-nao-sou-coveiro-ta,7bddb2262ea30375db094738bb-84dc8cckbk06paj.html>. Acesso em: 06/02/2021.
- TITLEY, G. 2014. Hate speech on line: considerations for the proposed campaign. In: G. TITLEY; E. KEEN; L. FÖLDI. (eds.) *Starting points for combating hate speech online: three studies about on line hate speech and the way to adress it*. Council of Europe, p. 7- 21.
- UOL COTIDIANO. 2020. Bolsonaro estimula população a invadir hospitais para filmar ofertas de leito. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/06/bolsonaro-estimula-populacao-a-invadir-hospitais-para-filmar-oferta-de-leitos.shtml>. Acesso em: 06/02/2021.
- UOL NOTÍCIAS. 2020. Gripezinha: leia a íntegra do pronunciamento de Bolsonaro sobre covid-19. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/leia-o-pronunciamento-do-presidente-jair-bolsonaro-na-integra.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 10/12/2020.
- UOL NOTÍCIAS. 2020. Leia o pronunciamento do Presidente Jair Bolsonaro na íntegra. <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/leia-o-pronunciamento-do-presidente-jair-bolsonaro-na-integra.htm>. Acesso em: 10/12/2020.
- UOL NOTÍCIAS. 2020. Bolsonaro é alvo de panelaço durante pronunciamento sobre coronavirus. <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/bolsonaro-e-alvo-de-panelaco-durante-pronunciamento-sobre-o-coronavirus.htm>. Acesso em: 10/12/2021.
- VAN DIJK, T. A. 2012. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. São Paulo, Contexto. 330 p.
- WIKIPÉDIA. 2021. Pandemia de Covid-19. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pandemia_de_COVID-19. Acesso em: 06/02/2021.